

Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe

Raquel Meister Ko. Freitag
(Universidade Federal de Sergipe)

Adelmileise de Oliveira Santos
(Universidade Federal de Sergipe)

Introdução

Os estudos sociolinguísticos realizados no Brasil têm contribuído significativamente para a descrição do funcionamento da língua em seus contextos reais de uso e, assim, subsidiar o desvelamento de uma norma linguística brasileira do Português, no âmbito da produção. No entanto, a dinâmica da variação linguística não só reflete as diferenças sociais, mas também expressa o posicionamento dos falantes dentro do mundo social, e possibilita, por meio deste posicionamento, construir e reconstruir o mundo (CAMPBELL-KIBLER, 2009; ECKERT, 2012). Os direcionais da consciência social de um fenômeno variável, observado a partir da sua distribuição em função dos fatores sociais controlados na amostra, configuram a sociolinguística da percepção: o julgamento do ouvinte, ao correlacionar fatores sociais a traços sociolinguísticos, constitui um padrão de consciência social na comunidade. Cabe destacar que o nível de consciência social é um aspecto relevante da mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968); e a avaliação da língua é determinante para a constituição da identidade linguística dos falantes.

O que faz com que uma variável seja sensível ou não à avaliação em uma comunidade pode ser atrelado ao seu grau de saliência, seja linguística, social ou ideológica. A observação não só do comportamento, mas das crenças e das atitudes em relação a determinado fenômeno linguístico, permite mensurar a percepção de uma variante de um fenômeno sociolinguístico.

No domínio da percepção, atitudes são as reações, positivas ou negativas, a algo ou alguém, no nível cognitivo (pensamentos e crenças), afetivo (sentimentos) ou comportamental (uso). O nível comportamental corresponde à produção, ou seja, como o falante efetivamente fala, a frequência de recorrência de uma dada variante em uma comunidade. Os níveis cognitivo e afetivo correspondem à percepção: como o falante acha que fala ou acha que deve falar (cognitivo) é a manifestação verbalizada, sem reações afetivas, acerca da sua crença sobre seus usos e sobre os padrões da comunidade; como o falante julga aqueles que falam de determinado jeito (afetivo) é a manifestação de reações afetivas em relação ao objeto em questão. Mais especificamente, as variedades linguísticas podem desencadear crenças sobre um falante e sobre sua participação no grupo social, muitas vezes influenciadas por ideologias de linguagem, levando a suposições estereotipadas sobre as características comuns dos membros do grupo (GARRET, 2010). É por este motivo que, quando um determinado falante ouve uma variante linguística distinta da sua, evoca, mesmo que inconscientemente, preconceitos ou estereótipos linguísticos sobre aquela variedade (FREITAG; SEVERO, ROST-SNICHELOTTO; TAVARES, 2015).

No Brasil, o comportamento variável na realização de /t/ e /d/ (oclusiva ou africada pós-alveolar) sugere não só distinção dialetal, mas também distinção sócio-estilística. No escopo do projeto “Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil” (Universal CNPq 2013), visamos a contribuir para o desvelamento dos componentes cognitivo e ideológicos das atitudes linguísticas ante à variação oclusivas [t, d] vs. africadas [tʃ] e [dʒ] em Sergipe, por meio de teste de percepção do tipo *verbal guise*, que visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos em relação à língua.

1 Produção e percepção das africadas

Do ponto de vista da produção, o estudo da variação na realização de /t/ e /d/ em Sergipe aponta para um cenário de mudança incipiente, com o incremento da variante que resulta de processo de palatalização regressiva, como em *tia* e *dia*, (SOUZA NETO, 2008; SOUZA, 2016) e redução da variante decorrente de palatalização progressiva, como em *oito* e *doido*, (SOUZA NETO, 2008, FREITAG, 2015). A mudança, para o ambiente de palatalização regressiva, está mais adiantada na capital do que no interior (Figura 1).

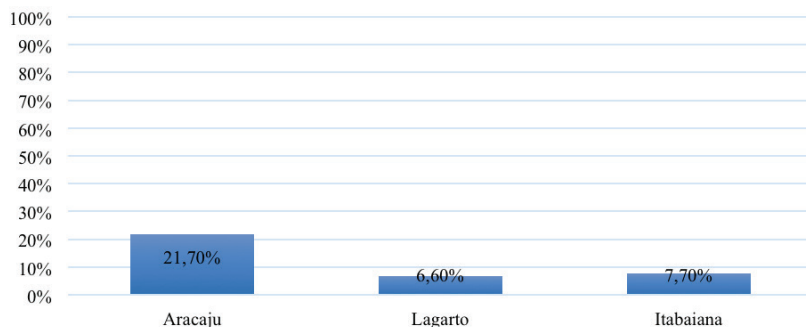


Figura 1 Distribuição da variante pós-alveolar em ambientes passíveis de palatalização regressiva. Adaptado de Souza (2016, p. 56).

No entanto, a distribuição individual aponta para comportamentos individuais heterogêneos, especialmente na capital (Figura 2).

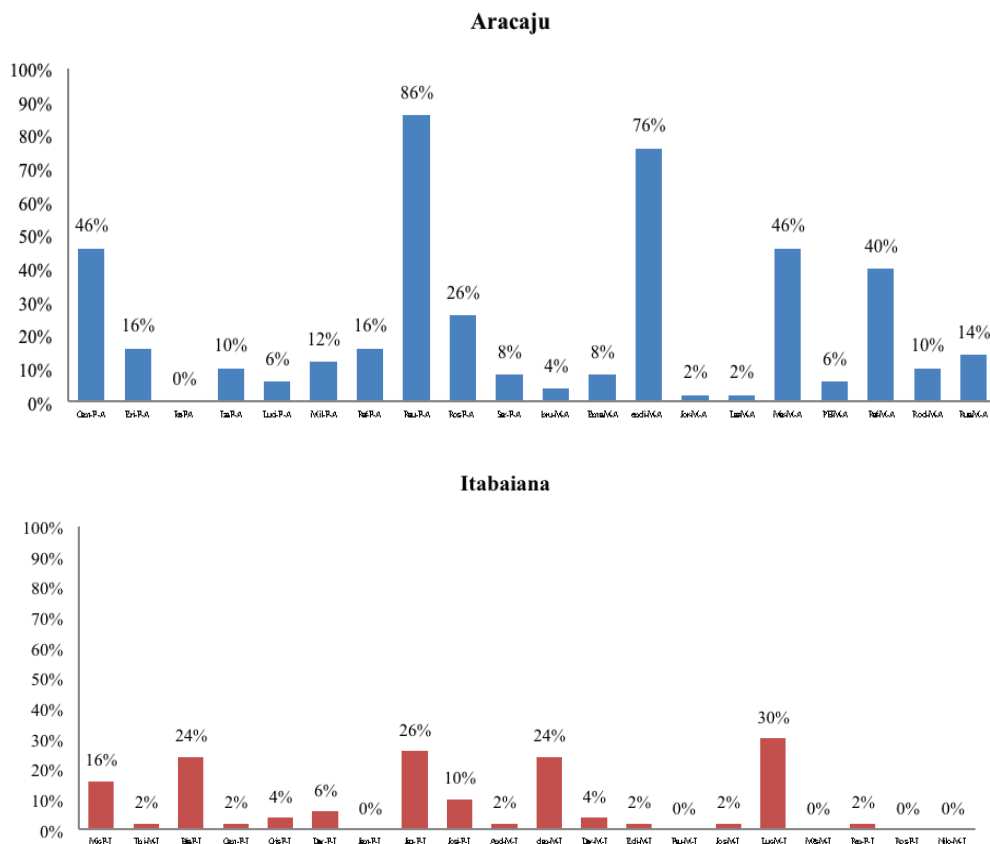


Figura 2 Distribuição da variante pós-alveolar em ambientes passíveis de palatalização regressiva por indivíduo da amostra (SOUZA, 2016, p. 57-59). (Continua)

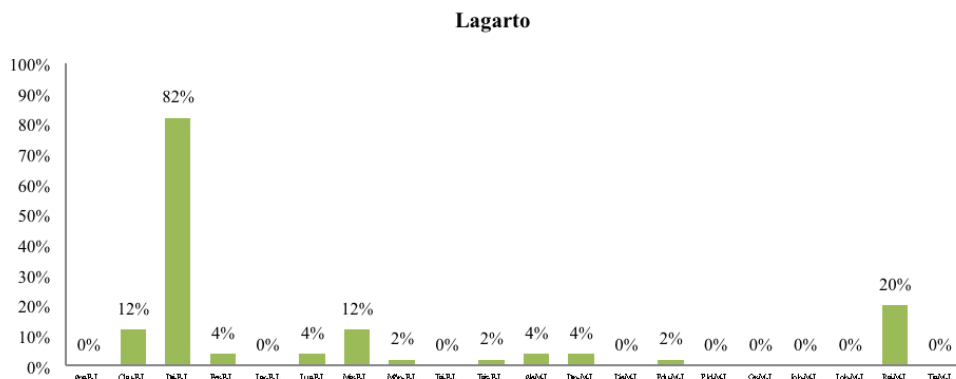


Figura 2 Distribuição da variante pós-alveolar em ambientes passíveis de palatalização regressiva por indivíduo da amostra (SOUZA, 2016, p. 57-59). *(Continuação)*

A dispersão heterogênea da variante africada pós-alveolar entre os indivíduos da amostra sugere que as crenças e atitudes podem explicitar aspectos do direcional da mudança. Em uma abordagem relativa à percepção de crenças, informantes da região Nordeste (em específico, dos estados de Sergipe e Rio Grande do Norte) associam seu falar ao traço oclusivo, como “Meu sotaque; principalmente quando pronuncio palavras com ‘T’” (57ccNE); “O ‘T’ e ‘D’ sem chiado” (96ccNE), “Sotaque arrastado, as sílabas que possuem as letras T e D são faladas bem ‘secas’.” (104ccNE), “Não falar Txi e sim Ti” (136icNE), “o ‘t’ seco, mas não tão seco” (206ccNE) (FREITAG; SEVERO, ROST-SNICHELOTTO; TAVARES, 2016).

No estudo das atitudes linguísticas, desvelar os componentes de crenças, sentimentos e usos requer uma abordagem combinada de técnicas e instrumentos de coleta de dados, envolvendo abordagens diretas e indiretas, além de um estudo societal, como, por exemplo, na variação entre nós e a gente na expressão da primeira pessoa do plural (FREITAG, 2016). A combinação de abordagens permite a observação do encaixamento de um processo variável em um contexto mais amplo, a fim de se identificar indícios da avaliação social das formas em questão. Para identificar os padrões de uso, o protocolo da entrevista sociolinguística, correlacionado aos efeitos de audiência, tópico temático e tipo textual, associado à identificação do perfil social do falante, tem dado pistas acerca avaliação social de formas linguísticas em processo de variação e/ou mudança. As crenças podem ser desveladas a partir de abordagens diretas que envolvam o posicionamento do falante acerca de sua experiência e uso da língua quanto às variantes e o seu próprio uso; a técnica de questionários propicia a elicitação deste componente das atitudes.

O componente afetivo requer estratégias de abordagem indiretas, na medida que buscam identificar a avaliação e o julgamento dos falantes acerca de varieda-

des linguísticas, de quem as usa e o seu próprio uso. A todo momento, julgamos as variedades linguísticas:

O falante emite um julgamento sobre as variedades linguísticas, e associa a elas diferentes valores, hierarquizando-as: um modo de falar é visto como “desagradável” e “feio”, um outro como “cantado” e “lento”, e outro, enfim, como “importante” e “conhecido”, símbolo de signo de cultura. Linguisticamente falando, algumas pessoas têm uma atitude mais normativa, mais purista, e outras, uma atitude mais tolerante. (CARDOSO, 2015, p. 9-10).

Para medir a atitude, existem alguns protocolos já estabelecidos, como: a) *self report test* no qual os indivíduos devem selecionar, dentre uma gama de variantes linguísticas, aquelas que se aproximam do seu uso habitual; tais sujeitos geralmente assumem utilizar as formas próximas às de prestígio reconhecido; b) *family background test* no qual é visto o quanto os indivíduos são capazes de identificar dialetos diferentes; c) *matched guise test*, que visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos em relação à língua. (LABOV, 2001, p. 193-7).

No *matched guise*, os sujeitos ouvem estímulos linguísticos aparentemente de falantes diferentes e avaliam esses falantes a partir dos estímulos, julgando-os quanto a aspectos afetivos, como aparência, liderança, agradabilidade, sociabilidade, etc. No entanto, trata-se de um mesmo falante, que realiza as diferentes variantes linguísticas, cujas produções são julgadas pelos sujeitos ouvintes a partir de uma escala de diferencial semântico (OSGOOD, 1964), que envolve a avaliação de um conceito ou estímulo e graus, sobre pares constituídos de adjetivos opostos.

Uma variante desta técnica é o *verbal guise test*, que se difere do *matched guise* pelo fato de conter estímulos provenientes de diferentes falantes (LADEGAARD, 2000; DAILEY; GILES; JANSMA, 2005). Deste modo, é possível extrair ocorrências de variantes linguísticas de um fenômeno variável de um *corpus* oral previamente gravado, e utilizá-las na elaboração do protocolo de testagem. Se, por um lado, incorre-se no risco de interferências na pista acústica ou mudanças de padrão entoacional, por outro lado tem-se maior fidedignidade com a ocorrência do fenômeno.

Considerando a variação entre as realizações africadas e oclusivas, apresentamos resultados de um teste do tipo *verbal guise*, pelo qual os sujeitos avaliam características pessoais e linguísticas a partir de estímulos de áudio, em uma amostra de estudantes universitários de Aracaju/SE.

2 Metodologia

Para aferir as atitudes e julgamentos linguísticos, a metodologia de testes de atitudes linguísticas, aliada a amostras de bancos de dados sociolinguísticos,

permite que se averigüe, observe, visualize, de modo sistemático e replicável os dados linguísticos. Com isso, ampliamos a amostra Falares Sergipanos (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG, 2013), com a gravação de entrevistas sociolinguísticas de falantes urbanos jovens universitários de Aracaju, Sergipe.

Os dados da fala foram obtidos por meio de entrevistas gravadas que foram posteriormente transcritas. O *corpus* base para o recorte dos estímulos foi composto de dados coletados da fala de 28 informantes, 15 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, residentes da Região Metropolitana de Aracaju – constituída pelos municípios de Aracaju, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro – com idade entre 17 e 23 anos. A seleção dos informantes seguiu a abordagem “bola de neve”, a partir do contato inicial de pesquisador de campo da comunidade. Sobre a constituição da amostra destacamos a dificuldade de encontrarmos alunos naturais da cidade de Aracaju, pois a Universidade Federal de Sergipe recebe uma quantidade significativa de estudantes advindos de municípios e até mesmo de outros Estados.

Depois deste processo, selecionamos excertos extraídos do *corpus* como forma de estratificação das amostras em nível interno da entrevista sociolinguística. Esses excertos alimentaram o teste de atitude que gerou o protocolo de testagem da avaliação. O recorte das palavras-alvo foi realizado por meio do *software* Audacity 2.1.2. Selecionamos os trechos que continham a variável estudada, considerando a ocorrência ou não da palatalização.

Para a mensuração de atitudes linguísticas, utilizamos programa PsychoPy v1.82.01, que permite o desenvolvimento de protocolos de medição de atitudes linguísticas com estímulos de áudio.

Aplicamos o protocolo de testagem de atitudes no Laboratório Multiusuário de Informática e Documentação (LAMID-UFS) em 36 sujeitos no perfil social jovem, urbano de Aracaju/SE. Observando os pressupostos sociolinguísticos para minimização dos efeitos do paradoxo do observador, cada um dos 36 informantes selecionados, individualmente em cabine, com fones de ouvido e computador, respondeu às perguntas do protocolo gerado no PsychoPy: a) essa fala (modo de falar) é agradável ou desagradável? b) essa fala (modo de falar) é bonita ou feia? c) essa fala (modo de falar) é “cantada” ou “não cantada”? d) essa fala (modo de falar) é clara ou confusa? e) essa fala (modo de falar) é lenta ou rápida? f) essa pessoa é da capital ou do interior? g) essa pessoa parece ser baiana, pernambucana ou sergipana? O estímulo de áudio foi em uma intensidade referida como confortável pelos participantes.

Os sujeitos participantes do teste são residentes da capital e do interior, estudantes da Universidade Federal de Sergipe de diferentes cursos da instituição, com faixa etária entre 18 e 41 anos de idade, sendo 18 do sexo feminino e 18 do sexo masculino. Durante cada sessão de coleta, os indivíduos foram orientados quanto

aos objetivos da pesquisa e sobre sua participação, no processo de consentimento livre e esclarecido. Cada teste teve duração de 10 a 20 minutos em média.

Os vocábulos foram distribuídos em pares mínimos contendo os fonemas /t/ e /d/ diante da vogal alta /i/, como em tia /tʃia/, /dzia/, ou [i] derivado de /e/, como em /heawmentʃe/ e diante do glide /j/, como em /oitʃo/, /doidʒo/ (Quadro 1). A seleção foi feita considerando a posição (inicial, medial ou final) de ocorrência ou não do fenômeno da palatalização, formando um total de 16 palavras (8 oclusivas e 8 africadas). Por se tratar da extração de vocábulos em situações reais de fala, nem todos os pares de palavras são idênticos, mas buscou-se, na medida do possível, a escolha de itens lexicais que não houvesse fenômenos fonológicos variáveis em contexto precedente que tirassem o foco da variável estudada.

Quadro 1 Estímulos controlados.

Fala feminina		Fala masculina	
Realização oclusivas	Realização africadas	Realização oclusivas	Realização africadas
par[tʃ]icular	par[tʃ]icular	curi[tʃ]iba	curi[tʃ]iba
tra[d]ições	fun[dʒ]ido	me[d]ida	me[dʒ]idas
[tʃ]ia	[tʃ]ia	[tʃ]ipo	[tʃ]ipo
[d]ia	[dʒ]ia	[d]iferença	d[dʒ]iferença
[d]ezoi[tʃ]o	jei[tʃ]o	oi[tʃ]o	oi[tʃ]o
apren[d]e	gran[dʒ]e	doi[d]o	doi[dʒ]o
mui[tʃ]o	mui[tʃ]o	mui[tʃ]o	mui[tʃ]a
rela[tʃ]ivamen[tʃ]e	realmen[tʃ]e	atualmen[tʃ]e	basicamen[tʃ]e

Seguindo estes procedimentos, constituímos, através do cotejamento das respostas, com o tratamento qualitativo dos dados, um panorama das atitudes e julgamentos do aracajuano quanto ao processo da palatalização, tornando possível a análise e interpretação dos dados e a formação de um banco de dados de julgamento espontâneo do falar.

3 Resultados e discussões

As questões afetivas selecionadas foram elaboradas a partir do questionário aplicado por Cardoso (2015), acrescidas de domínios relacionados à localização geográfica e identidade dialetal. Quatro critérios sociolinguísticos relativos ao do-

mínio afetivo das atitudes orientaram a elaboração das perguntas contidas no protocolo de testagem de atitudes. O primeiro critério diz respeito à qualidade puramente estética da língua: a) “agradável” – “desagradável” e b) “bonita” – “feia”. O segundo grupo de perguntas apresenta características dialetais: c) “cantada” – “não cantada” e d) “lenta” – “rápida”. O terceiro critério apresenta características estilísticas, que trata da inteligibilidade da fala: e) “clara” – “confusa”. O quarto critério apresenta características geográficas: f) “capital” – “interior” e g) “baiano” – “pernambucano” – “sergipano”.

3.1 Características estéticas

O teste de percepção, após instruções iniciais, apresentava a primeira pergunta ao sujeito: “Você acha essa fala (modo de falar) agradável ou desagradável?”. Em seguida, o sujeito tinha acesso ao áudio a ser analisado e poderia optar por repetir a sua escuta, caso houvesse necessidade. Com esta pergunta, tínhamos por objetivo averiguar a percepção do aracajuano quanto à “agradabilidade” da fala nos dois contextos fonológicos dos vocábulos selecionados: a produção das consoantes africada e oclusiva.

Como resultados, com relação à ocorrência das africadas, 59% das respostas foram de avaliação positiva, enquanto para as oclusivas, oclusivas, 52% das respostas foram positivas. As realizações africadas, foram consideradas mais agradáveis do que as realizações oclusivas.

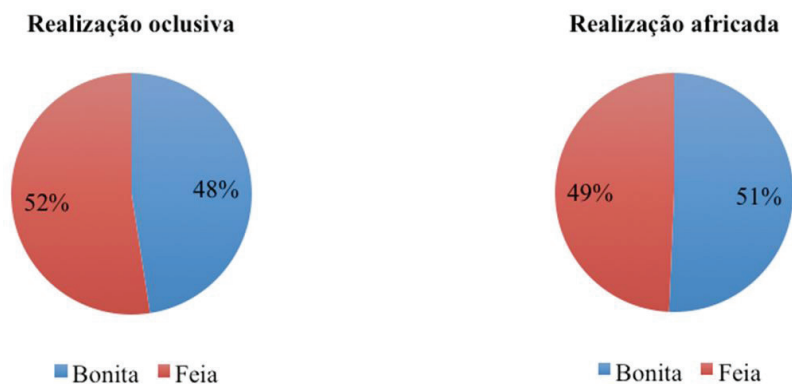


Figura 3 Distribuição do julgamento da característica estética “agradável/desagradável” quanto à variante.

A segunda questão do instrumento de coleta era “Você acha essa fala (modo de falar) bonita ou feia?”. Para as africadas, 51% das respostas foram positivas, enquanto para as *occlusivas*, 52% das respostas foram negativas. Embora a diferença de percentuais seja sutil, a variante africada é avaliada positivamente, sendo

julgada como “bonita”, ao passo que a variante oclusiva é avaliada negativamente, sendo julgada “feia”.

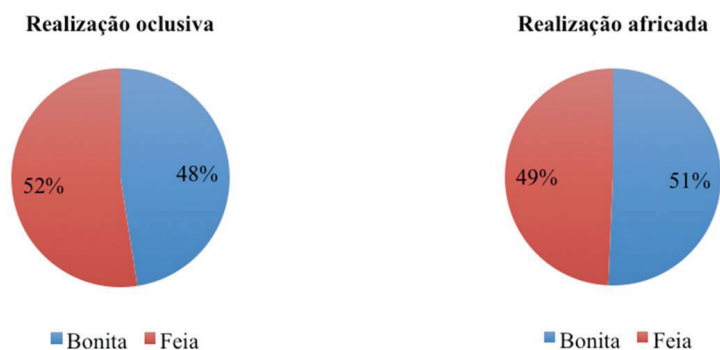


Figura 4 Distribuição do julgamento da característica estética “bonita/feia” quanto à variante.

3.2 Características dialetais

No bloco das questões relativas a características dialetais, a terceira pergunta era “Você acha essa fala (modo de falar) cantada ou não cantada?”. Segundo Cardoso (2015), as qualidades dialetais mais estigmatizadas são fortemente marcadas, sendo julgadas como fala “cantada”. Assim, atribuímos julgamento negativo à fala “cantada” e julgamento positivo à fala “não cantada”. Na ocorrência das africadas, 54% das respostas foram julgadas negativamente, sendo associadas ao falar “cantado”; já com relação à ocorrência oclusiva, 60% das respostas foram julgadas positivamente, sendo associadas ao falar “não cantado”. A realização africada é associada à fala cantada, enquanto a realização oclusiva é associada à fala não cantada.

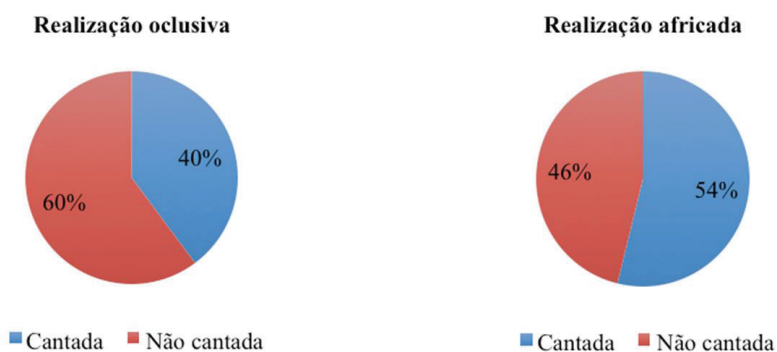


Figura 5 Distribuição do julgamento da característica dialetal “cantada/não cantada” quanto à variante.

Do ponto de vista da produção, a velocidade da fala pode ser mensurada a partir das taxas de elocução (número de segmentos por minuto) e de articulação

(razão de segmentos em um intervalo de fala). Do ponto de vista da percepção, a velocidade da fala sempre é percebida como diferença. Em relação à pergunta “Você acha essa fala (modo de falar) lenta ou rápida?”, de modo geral, as ocorrências foram mais correlacionadas à rapidez; no entanto, a realização africada foi jugada como rápida em 57% das ocorrências, enquanto a realização oclusiva computa 71% de respostas como rápida.

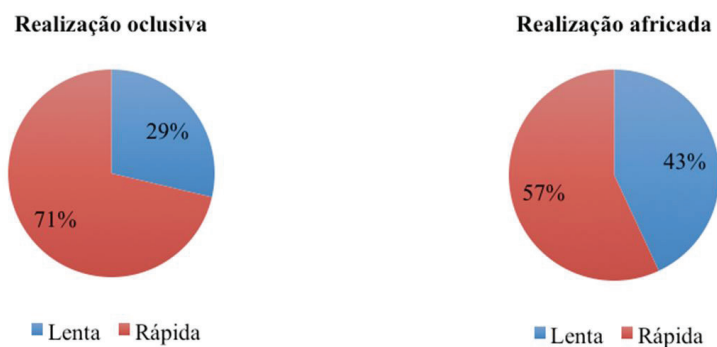


Figura 6 Distribuição do julgamento da característica dialetal “lenta/rápida” quanto à variante.

A ligeira percepção de maior rapidez associada à ocorrência com a variante oclusiva pode ser associada ao traço articulatório da constrição, com maior duração na pista acústica do que o traço da africacão, que é um som semi-contínuo.

3.3 Características estilísticas

Quanto às características estilísticas, para a pergunta “Você acha essa fala (modo de falar) clara ou confusa?”, observamos a correlação das ocorrências das africadas à clareza, com 69% das respostas. Já a realização oclusiva computa apenas 54% das respostas associadas à clareza.

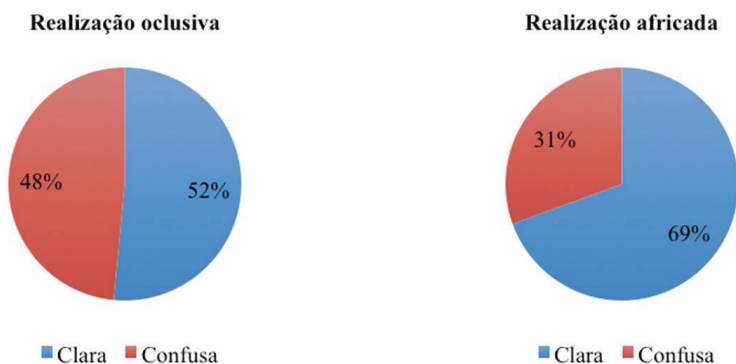


Figura 7 Distribuição do julgamento da característica estilística “clara/confusa” quanto à variante.

3.4 Características geográficas

A pergunta “Essa pessoa é da capital ou do interior?” visava identificar se o sujeito atribuía significado relativo à localização geográfica às variantes linguísticas em estudo. A ocorrência da realização africada foi associada ao falar da capital, com 61% das respostas, percentual muito próximo do atribuído à realização oclusiva, com 60% das respostas.

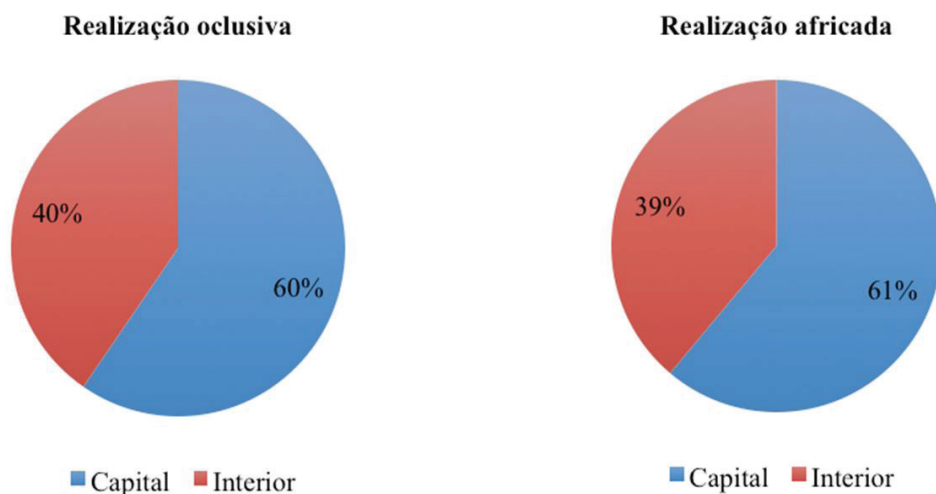


Figura 8 Distribuição do julgamento da característica geográfica “capital/interior” quanto à variante.

Por fim, o instrumento visava buscar avaliar se o sujeito associava as realizações a uma região geográfica específica. A partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil, Mota (2008) identifica uma realização categórica da variante africada em Salvador, enquanto Recife apresenta um percentual de 19% desta variante; o comportamento de Aracaju, nesta amostra, seria de 21% de realizações africadas. Com esse resultado polarizado, a pergunta “Essa pessoa parece ser baiana, pernambucana ou sergipana?” visa verificar se os sujeitos conseguem indexar geograficamente a ocorrência do traço linguístico avaliado. Os resultados obtidos apontam para a correlação da realização africada à fala baiana, com 39% das respostas, mas também com 37% de respostas associadas à fala sergipana; a associação da variante africada à fala pernambucana se deu apenas em 24% das respostas. O julgamento da variante oclusivas foi fortemente associado à fala sergipana, com 45% das respostas, seguido de 31% das respostas atribuídas à fala pernambucana; somente 23% das respostas foram atribuídas à fala baiana.

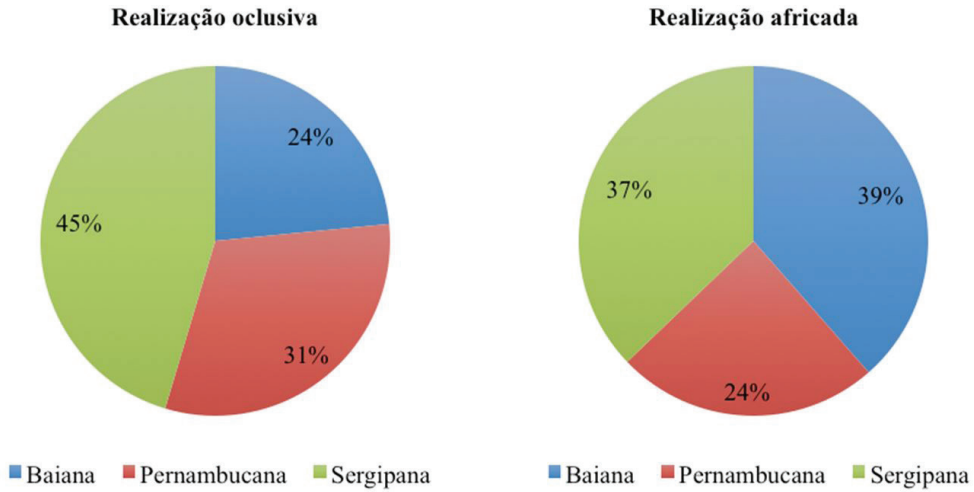


Figura 9 Distribuição do julgamento da característica dialetal “baiana/sergipana/pernambucana” quanto à variante.

O resultado de percepção é aderente aos resultados obtidos na descrição da produção, reforçando a hipótese de uma mudança em curso. A atitude dos universitários aracajuano quanto à variante africada indica prestígio, sem, no entanto, atribuir estigma à realização oclusiva.

Considerações finais

As abordagens sociolinguísticas da produção e da percepção da fala apontam para a necessidade de estudos que correlacionem a saliência de fenômenos do ponto de vista da produção com a saliência do ponto de vista da percepção. Ao ampliar as investigações para além do nível descritivo da Sociolinguística, adentrando nos domínios da maneira pela qual as atitudes e os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso, podemos contribuir para ações de planejamento linguístico de conscientização e respeito, bem como para propostas de ensino do português como língua materna ou como língua para estrangeiros, na medida em que propicia o contato com valores associados à língua.

A análise das atitudes linguísticas ou das reações subjetivas de aracajuano em relação ao seu dialeto, sob uma perspectiva sociolinguística, só é possível através de testes linguísticos de atitudes (CARDOSO, 2015). A mensuração da percepção dos indivíduos frente à língua nos dá pistas de como os sujeitos reagem e se comportam diante do falar do outro, do diferente, mas também de si mesmos.

Através dos resultados obtidos e das interpretações que pudemos inferir através deles, constatou-se, em linhas gerais, que a atitude dos indivíduos universitários aracajuano quanto a forma palatalizada indica mais prestígio, ao contrário

da forma não-palatalizada que ainda sofre estigma social. Estas discussões nos mostram a relevância dos estudos baseados nas crenças e atitudes linguísticas, haja vista termos considerado apenas os estímulos dos falantes masculinos, o que já nos deu um panorama interessante de ser observado; mas ainda há o que se explorar através dos estímulos dos falantes femininos, o que nos propiciará uma visão geral das crenças e atitudes linguísticas dos jovens universitários de Aracaju/Sergipe diante do processo de palatalização.

Diante disso, percebe-se que este trabalho permite-nos analisar e compreender as crenças e atitudes linguísticas dos falantes da língua, especialmente quanto ao falar sergipano e a sua identidade, o que é de suma importância para ampliação dos estudos desta natureza e entendimento das relações entre língua e sociedade.

Referências

- CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, v.21, p.135-56, 2009.
- CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.
- DAILEY, R. M.; GILES, H. ; JANSMA, L. L. Language attitudes in an Anglo-Hispanic context: The role of the linguistic landscape. *Language & Communication*, v. 25, n. 1, p. 27-38, 2005.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.
- FREITAG, R. M. K. Socio-stylistic aspects of linguistic variation: schooling and monitoring effects. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 37, n. 2, p. 127-136, 2015.
- FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.*, n. 32, v.4, p. 889-917, 2016.
- FREITAG, R. M. K., SEVERO, C. G., ROST-SNICHELOTTO, C. A., TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas

de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, n. 18, v.2, p. 64-84, 2016.

FREITAG, R. M. K., SEVERO, C. G., ROST-SNICHELOTTO, C. A., TAVARES, M. A. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Seña – Revista del Instituto de Lingüística*, n. 28, p. 65-87, 2015.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Lingüística*, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

GARRET, P. *Attitudes to language*. Cambridge University Press, 2010.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Volume 2: Social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LADEGAARD, H. J. Language attitudes and sociolinguistic behaviour: Exploring attitude behaviour relations in language. *Journal of Sociolinguistics*, v. 4, n. 2, p. 214-233, 2000.

MOTA, Jacyra. Como fala o nordestino: a variação fônica no Atlas Linguístico do Brasil. In: *Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. 2008. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/slp22/03.pdf>

OSGOOD, C. E. Semantic differential technique in the comparative study of cultures. *American Anthropologist*, v. 66, n. 3, p. 171-200, 1964.

SOUZA NETO, A. F. *As realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju/SE*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas, 2008.

SOUZA, G. G. A. *Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. Texas, 1968.